



MEMÓRIA VISUAL D'O GRUPO COMO DISPOSITIVO: RESSONÂNCIAS ENTRE ARTE E PSICOLOGIA SOCIAL

VISUAL MEMORY OF THE GROUP AS A MECHANISM: RESONANCES BETWEEN ART AND SOCIAL PSYCHOLOGY

Édio Ranieri da Silva - Professor Doutor - Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional - UFPel - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: edioraniere@gmail.com

Liara Damé Soares - Graduanda do curso de Psicologia - Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional - UFPel - Universidade Federal de Pelotas. E-mail:liarads@hotmail.com

Maria Eduarda Lisboa Silveira - Graduanda de bacharel em Artes Visuais- Centro de Artes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: m.lisboa.eduarda@gmail.com

RESUMO

Em 2022 o Laboratório de Arte e Psicologia Social – LAPSO – da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – desenvolveu com a comunidade o projeto ‘O Grupo como Dispositivo: Ressonâncias entre Arte e Psicologia Social’. Quinze estudantes, provenientes dos cursos de Dança, Teatro, Psicologia e Artes Visuais fizeram parte das atividades. As ações ocorreram em vários locais do município: Centro de Artes – CA – da UFPel, Secretaria Municipal de Assistência Social – SAS –, Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS –, Casa do Estudante Indígena e Quilombola da UFPel, onde aproximadamente oitenta pessoas participaram das oficinas. Todo processo foi acompanhado por artistas visuais. Este trabalho pretende, portanto, apresentar uma cartografia visual do projeto a partir de nove desenhos realizados por uma dessas artistas.

Palavras-chave: desenho; teatro terapêutico; psicodrama; cartografia visual.

ABSTRACT

In 2022 the Laboratory of Art and Social Psychology - LAPSO - from the Federal University of Pelotas (Brazil) - UFPel - developed the project ‘Group as a device: Resonances between Art and Social Psychology’ with the community. Fifteen students, sourced from the courses of Dance, Theater, Psychology and Visual Arts, were part of the activities. The action took place in different locations: UFPel’s Arts center - CA, Municipal Secretary of Social Assistance - SAS, Specialized Reference Center for Social Assistance - CREAS, UFPel’s Indigenous and Quilombola student house, where approximately eighty people participated in the workshops. All the process was accompanied by visual artists. This work therefore intends to present a visual cartography of

the project through nine drawings produced by one of these artists.

Keywords: drawing; therapeutic theater; psychodrama; visual cartography.

APRESENTAÇÃO

Essa cartografia visual diz respeito ao projeto de extensão “O Grupo como Dispositivo: Ressonâncias entre Arte e Psicologia Social”, desenvolvido pelos integrantes do LAPSO (Laboratório de Arte e Psicologia Social) da Universidade Federal de Pelotas em parceria com a comunidade local. Durante a primeira metade do ano de 2022, foi realizada, por quatro meses, uma breve formação, com encontros semanais de cerca de quatro horas, destinada aos estudantes dos cursos de Psicologia, Teatro, Dança e Artes Visuais. Nesta formação tais estudantes foram apresentados ao teatro terapêutico de J. L. Moreno; já no segundo semestre do mesmo ano, o grupo responsável pelo projeto se concentrou na promoção de performances psicodramáticas e sociodramáticas destinadas a técnicos, psicólogos, funcionários e usuários dos serviços do Departamento de Proteção Especial de Média Complexidade, da Secretaria Municipal de Assistência Social da cidade de Pelotas, e também a alunos de graduação da Faculdade Anhanguera e da UFPEL. A cartografia visual aqui apresentada foi construída a partir do segundo momento do projeto, como uma forma de registro dos encontros realizados pelo grupo.

A linguagem escolhida e que se julgou a mais adequada foi o desenho/pintura. A fotografia foi brevemente considerada, mas logo descartada devido a sua impossibilidade de registrar o que se é trabalhado nas performances mas não pode ser visto, e também por conta da quebra da fluidez que ela acarretaria no processo. Sendo a base do teatro terapêutico a espontaneidade, esta seria quebrada com os *flashes* e cliques de câmeras fotográficas. O desenho, por sua vez, é uma forma muito menos intrusiva e muito mais poética de registro, podendo contemplar, através da perspectiva do artista, aquilo que o sentido da visão sozinho não é capaz de captar.

TEATRO TERAPÊUTICO: PSICODRAMA E SOCIODRAMA

Para uma compreensão melhor do papel do desenho no registro das atividades do projeto, é primeiro necessário entender a dinâmica do teatro terapêutico. Primeiramente, o artista improvisador deve ser “aquecido” para desenvolver-se com toda a sua potência e energia (MORENO, 2014). Esse é o primeiro momento de uma sessão psicodramática ou sociodramática, chamado de aquecimento. Em seguida, após exercícios de movimentos que visam cansar o corpo dos atores, é o momento de realizar a dramatização da performance de forma espontânea seguindo o tema estipulado pelo diretor da sessão e das histórias que foram trazidas pelos participantes durante o aquecimento. Por fim, é o momento do compartilhamento, quando todos que participaram da sessão podem compartilhar seus pensamentos e experiências relacionados ao tema da performance.

Durante uma sessão de teatro terapêutico existem cinco elementos essenciais, sendo eles o protagonista – para o psicodrama, já que o sociodrama não requer um; o palco – ambiente em que a performance ocorrerá; diretor – aquele que vai conduzir a performance; os egos auxiliares – que auxiliam o diretor; e o público, participantes que estarão assistindo à dramatização e que podem vir a endossá-la a qualquer momento.

É igualmente importante ressaltar a lógica de experimentação com a qual trabalhamos durante o projeto, tanto no que faz referência às técnicas do teatro terapêutico quanto no que

diz respeito à produção da memória visual dos encontros. Essa linha parte de um diálogo entre o sistema proposto por J. L. Moreno e o pensamento expresso por Gilles Deleuze (1992, p.109): “Jamais interprete, experimente”. Dessa forma, ao invés de pretensiosamente interpretarmos qualquer ideia que nos guiasse a uma falsa noção de conhecimento puro e completo, nos aventuramos na mais bela jornada de experimentação que o projeto nos possibilitou vivenciar.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA CARTOGRAFIA VISUAL

Tendo como objetivo registrar as sessões de psicodrama sem contar com o uso da fotografia, mas a partir de desenhos dos encontros que tomariam a forma de um diário visual do que se passou, as observações foram pautadas pelos elementos que mais afetaram o corpo da artista durante as etapas das sessões: aquecimento, dramatização e compartilhamento. Os registros foram feitos por meio das técnicas de desenho em grafite e aquarela e tiveram o papel de retratar sete encontros direcionados à comunidade e dois encontros fechados para o grupo de estudantes vinculados ao LAPSO.

Durante as sessões e seus ocorridos, a música tocada em alguns momentos e o ritmo gerado pelos movimentos foram criando intimidade com os registros a serem feitos. Conforme a percepção da estudante de Artes Visuais sobre os encontros foi se adaptando, calejando e, de certa forma, conforme o roteiro da direção deixou de ser a “novidade”, as situações reais e inusitadas dos encontros passaram a se destacar e o que se apresentou como mais humano e efêmero ganhou grande espaço nas folhas do caderno de registros, correspondendo com o que Deleuze destaca (1981, p.23) como a função do pintor:[...] *fazer ver* um tipo de unidade original da sensação, e fazer aparecer visualmente uma figura multissensível.

Em todas as seções havia um número considerável de pessoas das quais os movimentos deveriam ser observados, tornando-se este um fator que aumentou o nível de dificuldade da percepção. Outro fator também evidente, e que é decorrente do anterior, é a frequência de movimentos inusitados que essas diferentes pessoas apresentavam. O resultado da junção destes dois fatores foi uma dança desgovernada, na qual os componentes eram o tempo de desenho e a percepção dos ocorridos. Observar e registrar tudo seria humanamente impossível, e foi exatamente neste ponto em que os desenhos começaram a mudar: ganharam menos detalhes e mais movimento, mais resoluções com as manchas que a aquarela proporciona e mais brincadeiras com as espessuras que o lápis pode alcançar.

Ao identificar os traços básicos dos movimentos, as sutilezas da obviedade, surgiram por conta própria nos desenhos. Ao mesmo tempo em que os colegas aparentavam estar totalmente imersos, conduzindo o grupo, a artista encontrava-se igualmente mergulhada nos movimentos que se apresentavam por toda a sala.

Finalizando o encontro, quando o grupo era reunido para o compartilhamento dos seus elementos na narrativa apresentada anteriormente, era também o momento em que seriam apresentados os resultados palpáveis das experiências - os desenhos. As reações sempre foram positivas e por muitas vezes até leves, embora nunca superficiais, para com a forma das imagens, com o grupo tentando identificar momentos e também sua própria silhueta nas manchas e linhas.

As imagens construídas durante as performances possibilitaram aos participantes a experiência de visualizar suas histórias e lembranças, algo seu que no desenho foi reconhecido. Logo, as produções artísticas transcenderam sua função de simples registro para os condutores da ação, considerando que elas serviram também como uma espécie de resposta imediata àqueles que abriram-se para a prática: sua participação foi vista, validada e capturada através dos traços. Desta forma, assim como o projeto aproximou a comunidade da universidade, os desenhos

aproximaram os participantes da recente experiência.

Desenho 1 - Performance “Olhando para quem Escuta” - 23/08/22



Desenho 2 - Performance “Olhando para quem Escuta” - 23/08/22



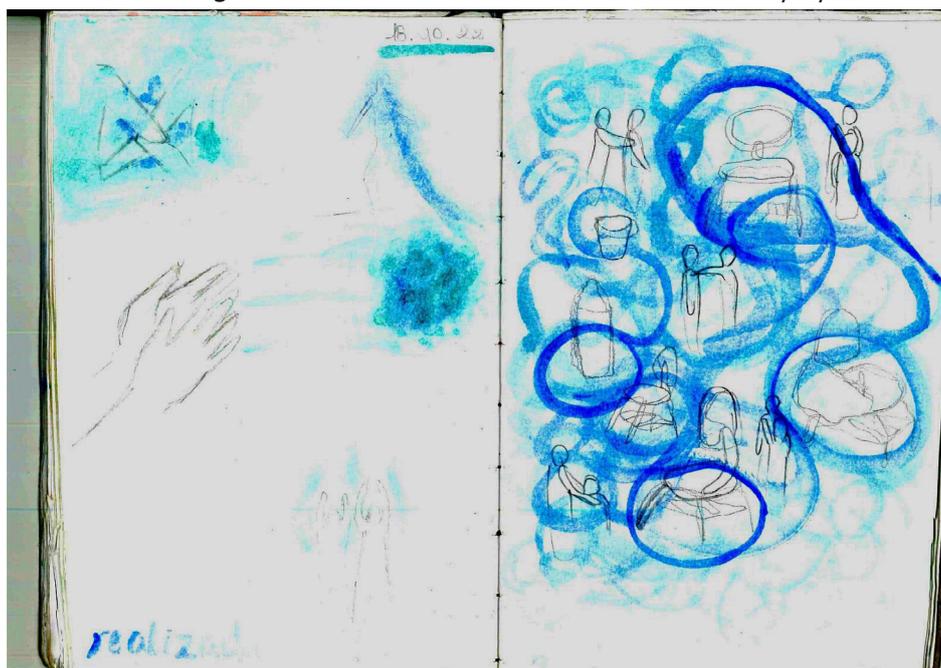
Desenho 3 - Performance “respir(AR)” - 30/08/22



Desenho 4 - Performance “respir(AR)” - 30/08/22



Desenho 5 - Performance "cuidando dos cuidadores" - 18/10/22



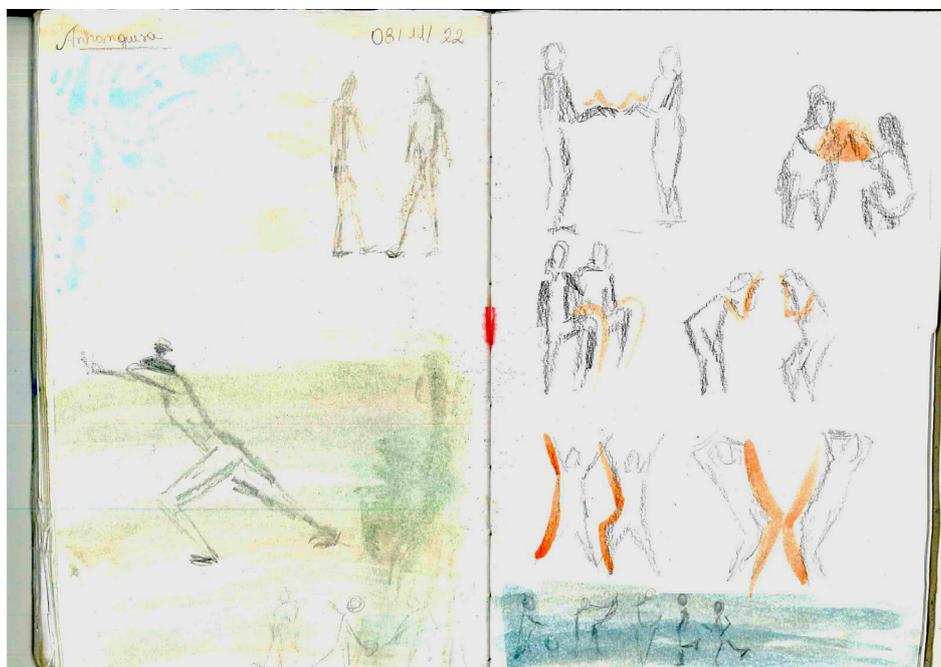
Desenho 6 - Performance "cuidando dos cuidadores II" - 25/10/22



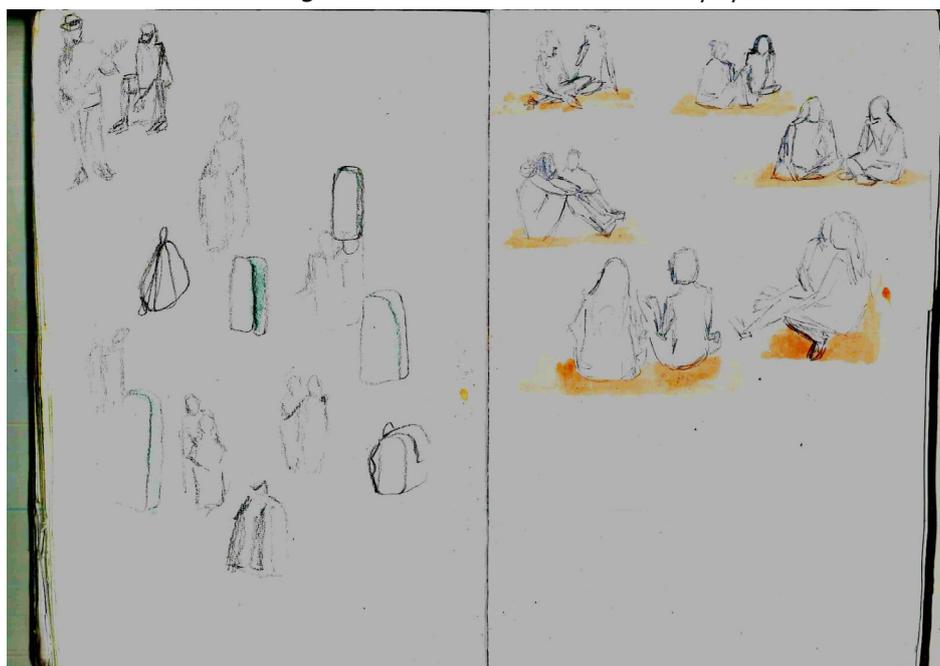
Desenho 7 - Performance "O Sonho (En)Cena" - 01/11/22



Desenho 8 - Performance "Travessias" - 08/11/22



Desenho 9 - Performance "Travessias" - 08/11/22



CONCLUSÃO

A Cartografia Visual aqui apresentada emerge agenciada a um conceito chave do teatro terapêutico: a espontaneidade. Apresentando uma configuração silenciosa e menos intrusiva, os desenhos conservam aspectos dos sentidos e uma subjetividade que deixa transparecer estas sensações, traduzindo os acontecimentos das sessões, que se sucederam de forma natural através da entrega dos participantes à experiência.

Assim como os jogos cênicos que criaram condições de possibilidade para a cartografia, a lógica da experimentação também esteve presente na produção dessa memória visual. A artista foi lançada diante um processo de criação cuja busca pelas formas de captar e registrar o multissensível e o imaginado das sessões de teatro com a comunidade esteve sempre presente. As imagens produzidas pela artista tanto serviram como memória visual do que foi construído em cada performance, em benefício do grupo de extensão responsável, assim como também ofereceram um sentido para os participantes sobre aquilo que foi realizado por eles naquele momento e aproximou-os do que estávamos tentando alcançar com o projeto.

Neste sentido, é importante destacar a importância que a experiência extensionista ofereceu à formação dos estudantes envolvidos com o projeto. Visto que o conjunto de atividades desenvolvido por eles em parceria com a comunidade criaram condições de possibilidade para construção de um conhecimento prático. Onde tais estudantes tiveram a oportunidade de oferecer atendimento à comunidade a partir de suas respectivas áreas de formação e ao mesmo tempo conhecer a atuação de profissionais da psicologia, do serviço social, da educação e da administração que operam nas políticas públicas de assistência social do município. Dizendo de outro modo, o conhecimento que um estudante universitário produz a partir de projetos como 'O Grupo como Dispositivo: Ressonâncias entre Arte e Psicologia Social não está relacionado apenas com a transmissão, mas talvez, na maior parte das vezes, com a criação. Embora haja sim a presença do professor coordenador que busca compartilhar determinadas tecnologias com seus alunos é justamente o momento de vivência diante a comunidade que permite ao

estudante produzir sentido ao conhecimento que lhe está sendo oferecido. Para acessar este momento, ao menos é o que nos parece, o estudante precisa criar.

Tais processos de criação - disparados tanto por contextos da Psicologia como das Artes - desterritorializaram identidades em ambas as disciplinas, afirmando um modo híbrido e multidisciplinar de trabalho. A memória visual da ação tornou-se tão essencial quanto à própria técnica que ela se propôs a pesquisar. E é justamente nessa relação que parece residir a importância do projeto e de tudo que conseguimos elaborar enquanto ação extensionista. Dizendo de outro modo, se conseguimos oferecer à comunidade uma experiência de produção de sentido, produção de territórios existenciais, produção de si e de mundos isso se deu graças aos encontros entre Arte e Psicologia Social.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Ed. Pensamento, 2014.

Data de recebimento: 19-02-2023

Data de aceite para publicação: 17-04-2023